



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CERRO LARGO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL -
LICENCIATURA

VALENTINE MATTIAZZI BACKES RIEGER

**A RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
PROTAGONISTA NO ROMANCE *O FILHO ETERNO*, DE CRISTOVÃO TEZZA.**

CERRO LARGO

2018

WALENTINE MATTIAZZI BACKES RIEGER

**A RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
PROTAGONISTA NO ROMANCE *O FILHO ETERNO*, DE CRISTOVÃO TEZZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

**CERRO LARGO
2018**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Rieger, Walentine Mattiazzi Backes
A RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DO PROTAGONISTA NO ROMANCE O FILHO ETERNO, DE
CRISTOVÃO TEZZA./ Walentine Mattiazzi Backes Rieger. --
2018.
26 f.

Orientador: Pablo Lemos Berned.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de LETRAS
PORTUGUÊS E ESPANHOL - LICENCIATURA , Cerro Largo, RS,
2018.

1. Romance brasileiro contemporâneo. 2. Síndrome de
Down. 3. Identidade de personagem. 4. Paternidade. I.
Berned, Pablo Lemos, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

WALENTINE MATTIAZZI BACKES RIEGER

**“A RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DO PROTAGONISTA NO ROMANCE “O FILHO ETERNO”, DE CRISTOVÃO
TEZZA”**

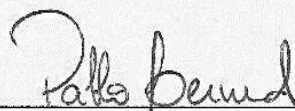
Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para
obtenção de grau de Licenciada em Letras Português e Espanhol da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

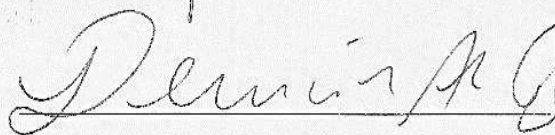
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

03/07/2018

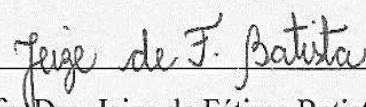
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned – UFFS



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz - UFFS



Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista - UFFS

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos pelas pessoas mais importantes da minha vida: meus pais Emerson Backes e Maria Ester Mattiazzi, pois eles estiveram comigo muito antes deste desejo se concretizar. À minha mãe, que me escolheu e aceitou como filha mesmo diante das dificuldades, agradeço por sempre ter estado ao meu lado, lutando por mim, abrindo seus braços e dizendo palavras de consolo quando os dias eram difíceis e a distância não nos permitia estar juntas fisicamente. Ao meu pai, que do seu jeito, também nunca me deixou desistir, me dizendo que a única coisa que ninguém nos tira é o saber e que é partir dele que alcançamos o sucesso. Os amo infinitamente e dedico à vocês o mérito desta conquista.

Com a mesma intensidade, agradeço ao meu marido Geison que esteve comigo ao longo destes seis anos de estudos. É difícil expressar em palavras a intensidade do meu agradecimento. Obrigada pela infinita paciência e compreensão quando eu estava irritada e cansada; por ter me ouvido quando precisava desabafar através do choro por estar esgotada física e psicologicamente; por todo o carinho, amor e motivação que transmitia para me fortalecer. Lutamos juntos em cada momento, por isso você é tão merecedor quanto eu desta vitória.

Aos meus sogros, irmãos, familiares e amigos: vocês foram luz durante a caminhada. Desculpa pelos vários “não” como resposta à convites e obrigada pela compreensão quando eu precisava me afastar para estudar.

Obrigada ao meu professor e orientador, Dr. Pablo Lemos Berned, pela infinita paciência, compreensão e carinho que teve comigo. Obrigada por me fazer enxergar o potencial que acreditava não existir em mim; obrigada pelos esclarecimentos sobre conceitos que eu não entendia; obrigada por me conduzir com maestria na construção deste trabalho e obrigada por, durante estes seis anos, ter sido um exemplo de pessoa e profissional, transmitindo aos seus alunos a paixão que tem por ensinar.

Obrigada também a todos os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Cerro Largo*, que dividiram comigo seus conhecimentos ao longo da graduação. Sem dúvidas todos, de alguma forma, marcaram minha trajetória.

RESUMO

O romance brasileiro contemporâneo caracteriza-se por estar ainda em constante transformação por refletir a própria realidade, enquanto presente inacabado. Diante disso, este trabalho tem por objetivo observar como ocorre a construção da identidade do protagonista ao longo do romance *O filho eterno* (2008), de Cristovão Tezza, a partir do narrador e da relação que possui com o filho. A análise foi realizada tomando como base teórico-metodológica a perspectiva da análise estrutural segundo Todorov (2008), Barthes (2008), Bakhtin (2010), Hamburguer (2013) e pela perspectiva do estrangeiro apresentado por Julia Kristeva (1994). O romance aborda a tensa relação entre pai e filho, com o diagnóstico da Síndrome de Down a partir do nascimento da criança. A partir da análise feita, é possível observar que protagonista e narrador do romance são a mesma personagem, separadas por um espaço temporal que reflete os vários momentos de transição na construção da identidade. Com isso, fica evidente o sentimento de um estrangeiro, assumido pela personagem principal, além de demonstrar que a visão que possui de si mesmo reflete direta e negativamente na relação que possui com o filho.

Palavras-chave: Identidade de personagem. Paternidade. Síndrome de Down. Romance brasileiro contemporâneo.

RESUMEN

La novela brasileña contemporánea se caracteriza por aún estar en constante transformación por reflejar la propia realidad, en cuanto presente inacabado. Delante de esto, este trabajo tiene por objetivo observar como ocurre la construcción de la identidad de la protagonista a lo largo de la novela *O filho eterno* (2009), de Cristovão Tezza, a partir del narrador y de la relación que posee con el hijo. El análisis fue realizado teniendo como soporte teórico y metodológico la perspectiva de análisis estructural según Todorov (2008), Barthes (2008), Bakhtin (2010), Hamburguer (2013) y por la perspectiva del extranjero presentado por Julia Kristeva (1994). La novela aborda la difícil relación entre padre e hijo, con el diagnóstico del Síndrome de Down con el nacimiento del niño. Con el análisis hecho, fue posible observar que el protagonista y el narrador de la novela son el mismo personaje, apartados por un espacio de tiempo que refleja los varios momentos de transición en la construcción de la identidad. Con esto, está claro que el sentimiento de un extranjero, asumido por el personaje principal, además de demostrar que la visión que posee de sí mismo refleja de forma directa y negativa en la relación con su hijo.

Palabras-clave: Identidad del personaje. Paternidad. Síndrome de Down. Novela brasileña contemporánea.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Situações em que o narrador faz referência ao futuro do protagonista....	12
Tabela 2 - Caracterização da personagem Felipe a partir da síndrome ou ações. ...	14
Tabela 3 - Palavras usadas pelo narrador para se referir ao protagonista ou às situações vividas por ele.	16
Tabela 4 - Ações e/ou sentimentos do protagonista em relação ao filho.	20

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2. A SOBREPOSIÇÃO DO NARRADOR E DO PROTAGONISTA	11
2.1 CARACTERÍSTICAS DA NARRAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA ENCONTRADAS NO ROMANCE <i>O FILHO ETERNO</i>	11
2.2. O OLHAR DO NARRADOR SOBRE AS DEMAIS PERSONAGENS E A NARRAÇÃO EM TERCEIRA PESSOA	13
3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROTAGONISTA A PARTIR DA RELAÇÃO COM O FILHO	17
3.1 MOMENTOS DE TRANSIÇÃO	17
3.2 O NASCIMENTO DO FILHO	17
3.3 A DESCOBERTA DA SÍNDROME	19
3.4 O DESAPARECIMENTO DE FELIPE.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nossa literatura contemporânea, vários são os nomes que ganham destaque ao escrever romances, sendo um deles Cristovão Tezza: romancista, contista, cronista, ensaísta, além de ter sido professor na UFSC e UFPR até 2009, quando decidiu se demitir para se dedicar à literatura. Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, em 1952 e mudou-se para Curitiba ainda criança.

É considerado um dos mais importantes autores da literatura brasileira e, apesar de ter publicado obras como *A cidade Inventada*, *Gran Circo das Américas*, *O terrorista lírico* e *Ensaio da Paixão* entre 1979 e 1985, só começou a ser conhecido nacionalmente em 1988 com a publicação de *Trapo*. Nos dez anos seguintes, publicou os romances *Aventuras provisórias*, *Juliano Pavollini*, *A suavidade do vento*, *O fantasma da infância* e *Uma noite em Curitiba*. Outras obras do autor são os romances *Breve espaço entre cor e sombra* (1988), *O fotógrafo* (2004), *Um erro emocional* (2010), *O professor* (2014), *A máquina de caminhar* (2016), *A tradutora* (2016). Escreveu também o livro de contos *Beatriz* (2011), a coletânea de crônicas *Um operário em férias* (2013) e o livro de poemas *Eu, prosador, me confesso* (2017). Para a realização deste trabalho, foi escolhido o romance *O filho eterno*, publicado em 2007, traduzido para vários países e a partir do qual conquistou alguns prêmios, dentre eles o Prêmio Jabuti – Melhor Romance 2008 e Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) 2007, além de receber também uma adaptação para o teatro e outra para o cinema.

Em *O filho eterno*, a personagem principal, cujo nome não é dito ao longo da história, é um homem de 28 anos, relojoeiro e estudante de Letras, que está desempregado e sonha ser reconhecido como escritor. Contudo, a vida pacata que dividia com a esposa se transforma quando ambos tem seu primeiro filho, Felipe, portador da Síndrome de Down, uma deficiência pouco conhecida na década de 80 e portanto, cercada de preconceitos pela sociedade.

No momento em que o pai percebe que Felipe não é a criança que havia idealizado, o filho passa a ser rejeitado e visto como o culpado por tudo aquilo que não dá certo na vida dele. As dificuldades enfrentadas por ambos ao longo da história demonstram a insegurança de um homem que está, ao mesmo tempo, redescobrendo-se e aprendendo a ser pai.

Apesar de ser narrado em terceira pessoa, Tezza consegue trabalhar com tamanha intensidade os sentimentos do protagonista que, em vários momentos, fica difícil para o leitor diferenciar a voz do narrador e da personagem, como se ambos fossem a mesma pessoa. Os raros diálogos existentes ao longo da história, reforçam a dificuldade dessa distinção, já que os demais personagens são apresentados e caracterizados a partir dos pensamentos e ações do protagonista.

O romance, *O filho eterno* manifesta, dessa forma, uma característica “autobiográfica e memorialista” da literatura produzida na década de 1970, com uma personagem que só percebe os problemas sociais de sua época a partir do que lhe afeta diretamente por entrar em conflito consigo mesmo e com seus ideais. Segundo estudos de Karl Erik Schollhammer:

A perda de determinação e de rumo dos personagens é uma característica que a prosa da década de 1990 iria prolongar, [...]. Personagens dessubjetivados são levados por forças desconhecidas da fatalidade ou da coincidência, o que resulta num profundo questionamento existencial (2011, p.33).

O romance contemporâneo, então, é uma mistura de todos os movimentos literários anteriores e, por este motivo, não recebe uma caracterização única que possa ser encontrada em todas as obras produzidas nesse período. O que pode ser afirmado sobre a literatura contemporânea é justamente seu caráter heterogêneo, que trabalha com questões sociais e culturais da atualidade (SCHOLLHAMMER, 2011).

A relação entre pai e filho, a construção da identidade dos personagens e as estratégias utilizadas pelo narrador para influenciar o leitor durante a narrativa foram privilegiados nesta análise. Este trabalho tem portanto, o objetivo de observar como ocorre a construção da identidade do protagonista ao longo do romance a partir do narrador e da relação que possui com o filho.

2. A SOBREPOSIÇÃO DO NARRADOR E DO PROTAGONISTA

O narrador é aquele que nos conta uma história através da própria visão dos acontecimentos ou então a partir dos personagens. Para Bakhtin (2010, p.417) “o romancista gravita em torno de tudo aquilo que não está ainda acabado. Ele pode [...] representar os momentos reais da sua vida ou fazer uma alusão”. Ou seja, narrador, personagens e autor no processo de confecção do texto, podem se sobrepor para estabelecer “combinações híbridas” que constroem a narrativa, tendo o autor total liberdade para expressar-se dentro do mundo da representação. Já Todorov (2008, p. 246-257) trabalha com a ideia de um narrador que consegue dialogar com o leitor, de modo que um depende do outro para existir (não como algo real, mas dentro da própria narrativa) e assim transformar a história em discurso. Para estabelecer este diálogo, ainda de acordo com Todorov (2008), o narrador pode ser de três tipos: aquele que sabe mais que os próprios personagens; aquele que sabe tanto quanto os personagens; e aquele que sabe menos que os personagens. Cada tipo de narrador estabelece uma relação com a história que está contando e portanto, conduz o leitor a diferentes tipos de interpretação.

No romance *O filho eterno*, o narrador é alguém que sabe mais do que o próprio protagonista e por isso está sempre um passo à frente dele, pois tem conhecimento sobre seus sentimentos e desejos, como na seguinte passagem: “ele não pensa em alguma coisa, mas, se pensasse, talvez dissesse: estou como sempre estive – sozinho” (TEZZA, 2009, p.12). Apesar de ser narrado em terceira pessoa, em nenhum momento ao longo do romance existe algum indício direto de que o narrador possa ser o protagonista que reconta a sua história. A partir disso, é possível estabelecer algumas semelhanças com a narração em primeira pessoa, principalmente se considerada a informação ambígua que consta na orelha do livro na qual pode ser entendido que Cristovão Tezza narra a própria vivência enquanto pai de um filho com Síndrome de Down.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA NARRAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA ENCONTRADAS NO ROMANCE *O FILHO ETERNO*

De uma forma geral, na narração em primeira pessoa, para dar veracidade ao que está sendo contado, estabelece-se uma relação com o mundo humano através

do relato das vivências pessoais da personagem-narrador que retoma as lembranças para demonstrar as diferenças e semelhanças entre o “eu passado” e o eu presente. Em alguns momentos isto pode ocorrer de forma objetiva e em outros a subjetividade aparece com o intuito de direcionar a compreensão dos fatos a partir do narrador-eu, conforme Käte Hamburger (2013).

Da mesma forma acontece com *O filho eterno*, pois em alguns momentos torna-se difícil diferenciar a personagem principal do narrador. O trecho abaixo aparece em meio a um dos (poucos) diálogos do romance entre o protagonista e sua esposa logo após o parto, e apresenta um discurso sobre o nascimento que não possui uma referência direta ou clara em relação a quem (personagem ou narrador) o expõe:

O nascimento é uma brutalidade natural, a explosão obscena da criança, o desmantelamento físico da mãe até o último limite da resistência, o peso e a fragilidade da carne viva, o sangue – cria-se um mundo inteiro de signos para ocultar a coisa em si, tosca como uma caverna escura (TEZZA, 2009, p.24).

A sobreposição daquele que narra com a sua personagem confunde o leitor que não consegue diferenciá-los (ECO, 1994). Assim, a identidade de ambos parece ser apenas uma, como um eu no futuro que revive a própria história de forma reflexiva, por vezes antecipando os fatos para que o leitor consiga construir uma visão do todo assim como ele, narrador, possui (HAMBURGUER, 2013).

Abaixo a tabela mostra alguns excertos retirados do romance em que o futuro é mencionado pelo narrador.

Tabela 1 - Situações em que o narrador faz referência ao futuro do protagonista.

1a	A manhã mais brutal da vida ¹ dele começou com o sono que se interrompe [...] (p. 27).
1b	O que, bem pensado, é a normalidade absoluta, ele calcularia hoje (p. 40).
1c	Por que eu não posso tomar outro rumo? – será a pergunta que fará várias vezes ao longo da vida (p. 41).
1d	[...] o pai já teve as férias dele, mas não sabe ainda (p.156).
1e	Todos os anos sonha em voltar à pintura para brincar de cópias, mas jamais fará isso de novo até o fim de sua vida (p.196).

Fonte: elaborado pela autora.

Nos trechos 1a, 1c e 1e, o narrador demonstra ter conhecimento de toda a vida do pai ao afirmar que algumas situações nunca mudarão, assim como consegue

¹ Destaques no texto feitos pela autora.

comparar todos os momentos ao longo da vida para poder afirmar com segurança, que o dia em que o filho foi diagnosticado com Síndrome de Down foi, acima de qualquer outra, “a manhã mais brutal da vida dele”. No quarto trecho o advérbio “ainda” reforça a ideia de que, no futuro o pai perceberá a mudança que houve em sua vida, mas no momento só quem sabe disso é o narrador. Já no segundo trecho, o verbo “calcularia” seguido do advérbio “hoje”, faz referência ao tempo em que o narrador se encontra em relação à narração, quando novamente ele mostra que a personagem, passados os anos, conseguiu refletir e perceber as situações vividas de modos diferentes em relação ao momento em que aconteciam no passado.

2.2. O OLHAR DO NARRADOR SOBRE AS DEMAIS PERSONAGENS E A NARRAÇÃO EM TERCEIRA PESSOA

Por outro lado, esse narrador que foi apresentado acima como alguém que conhece intimamente o protagonista, não tem portanto as mesmas informações sobre os demais personagens. Isso demonstra que, mesmo sendo um terceiro que possui uma visão do todo, assim como na narração em primeira pessoa, os personagens

[...] sempre são compreendidos em relação ao narrador-eu. Isso não significa uma relação pessoal com o narrador-eu, mas apenas o fato de que são vistos, observados, descritos exclusivamente por ele (HAMBURGUER, 2013, p.226).

No romance *O filho eterno*, os personagens da esposa e do filho são apresentados a partir de suas ações e dos sentimentos que a protagonista nutre por eles. A mulher é vista pela personagem principal como alguém que que “em todos os sentidos o sustentava” (TEZZA, 2009, p.09), pois “sempre foi ela quem decidiu tudo [...]” (TEZZA, 2009, p.74). Com isso, a protagonista deixa evidente a dependência que sente pela esposa e mostra que o papel dela está ligado à imagem que possui da própria mãe: alguém distante que tem pouca influência em sua vida e, portanto não merece destaque. Conforme Kristeva (1994):

No ponto mais longínquo em que sua memória remonta, ela está deliciosamente magoada: incompreendido por uma mãe amada e contudo distraída, discreta e preocupada, [...] é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. [...] (p.12-13).

O fato da esposa não possuir um nome confirma o argumento acima se considerarmos que o romancista, ao nomear seus personagens, atribui-lhes uma identidade com características particulares (WATT, 2010). A falta do substantivo próprio deixa em aberto a identidade dela e, conseqüentemente, a afasta do seu papel dentro do tempo e do espaço da narrativa. Ainda que suas decisões e atitudes demonstrem uma mulher sensível e preocupada em cuidar do filho desde os primeiros minutos de vida, “[...] nesses dias está permanentemente, obsessivamente atenta a cada mínimo sinal que porventura surja para ameaçar o filho” (TEZZA, 2009, p.39). Dessa forma a caracterização dela se restringe ao reflexo das atitudes, sem detalhes de seus pensamentos ou de sua aparência física.

O mesmo pode ser observado em relação a Felipe, que, apesar de receber maior destaque em comparação com a mãe, desenvolve-se como personagem a partir das características físicas comuns à Síndrome de Down e das ações quando está próximo ao pai. Na tabela abaixo, alguns trechos exemplificam, não necessariamente na mesma situação temporal dentro da narrativa, como o filho é descrito tanto pelo narrador, quanto pelo protagonista.

Tabela 2 - Caracterização da personagem Felipe a partir da síndrome ou ações.

	A partir do pai:	A partir do narrador:
2a	Move-se como qualquer outra criança. A língua parece um pouco mais comprida que a língua dos outros [...] (p.39, 40).	A criança, como sempre, também está tranquila (p.70).
2b	Aos 4, 5, 6 anos, o menino convive sem grandes traumas com outras crianças da mesma idade [...] (p. 150)	[...] pega a criança no colo, que se larga saborosamente sobre o pai , abraçando-lhe o pescoço [...] (p.159).
2c	A teimosia da síndrome começa a se suavizar (p.153).	[...] Felipe começa a se educar e descobrir, de forma cada vez mais precisa, os seus limites (p.150).
2d	Lá está o filho, nadando na segunda raia, lento e sistemático ; [...] (p.154).	No dia seguinte, a menos que seja lembrado, não lembrará de nada [...] (p.155).
2e	[...] mas o filho, [...] trissômico , é capaz de compreender [...] (p.162).	[...] o menino desce, feliz e sorridente [...] absolutamente alheio à suposta gravidade do que aconteceu (p.179).

Fonte: elaborado pela autora.

Nas passagens que se referem ao pai, fica clara a predominância da Síndrome nas características de Felipe, ao passo em que nos trechos 2a, 2b e 2c, o narrador traz uma visão diferente e um pouco contrária à apresentada pelo protagonista. Porém, com os exemplos 2d e 2e, é possível perceber o distanciamento existente mesmo por parte do narrador, o que comprova a falta de conhecimento dele em relação à criança. Além disso, a caracterização do menino acontece ao longo do romance e não em uma única vez de forma acabada, pois, segundo Bakhtin:

Neste contexto inacabado perde-se o caráter de imutabilidade semântica do objeto: o seu sentido e o seu significado se renovam e crescem à medida que esse contexto se desenvolve posteriormente. Isto conduz a transformações radicais na estrutura da representação literária [...]. Ela entra em relação [...] com aquele acontecimento da vida que está se desenvolvendo agora, ao qual também nós [...] estamos ligados de maneira substancial (BAKHTIN, 2010, p. 420).

O narrador, consciente da ligação que o leitor estabelece com o romance, antecipa, intencionalmente, de forma negativa alguns acontecimentos para reforçar o quão difícil é para o pai aceitar o fato de Felipe ter Síndrome de Down. Estas escolhas discursivas feitas pelo narrador possuem uma finalidade, pois, segundo Barthes:

[...] a partir do momento em que o discurso já não fosse guiado e limitado pelos imperativos estruturais do enredo [...], nada mais poderia indicar por que parar aqui e não ali os pormenores da descrição; se ela não fosse submetida a uma escolha estética ou retórica, toda “vista” seria inesgotável pelo discurso: sempre haveria um canto, um pormenor, uma inflexão de espaço ou de cor a acrescentar; e, por outra parte, colocando o referente como real, fingindo segui-lo de maneira escrava, a descrição realista evita deixar-se levar por uma atividade fantástica [...] (2004, p.187).

Com isso fica evidente que o narrador de *O filho eterno* não é alguém passivo, pois ele delimita o campo de interpretação do leitor para direcionar sua compreensão e construção em relação à identidade do protagonista além do desenvolvimento dos fatos. Esta atitude contribui para a interpretação de que, mesmo com o distanciamento proposital da narração em terceira pessoa, quem conta a história é um “eu futuro” e, portanto, ainda que possua uma visão ampla dos fatos, só consegue fazer a leitura da situação vivida a partir dos próprios olhos.

A tabela seguinte apresenta exemplos que demonstram o domínio que o narrador tem sobre o que está contando e, principalmente, em relação do protagonista ao abordar as suas transformações psicológicas.

Tabela 3 - Palavras usadas pelo narrador para se referir ao protagonista ou às situações vividas por ele.

	Palavras	Situação
3a	[...] distraído [...]. Alguém provisório [...] não é ainda exatamente nada (p.09). [...] bebe muito, dá risadas prolongadas e inconvenientes, lê caoticamente [...]. Filho retardatário dos anos 70 [...] (p.12).	No hospital enquanto espera o nascimento do filho.
3b	[...] pai moleque [...] (p.16).	Ao receber a notícia do nascimento do filho.
3c	Estão surpreendentemente sérios, absurdamente sérios, pesados, para um momento tão feliz – parecem militares (p.29).	Quando os médicos entram no quarto para entregar o filho.
3d	[...] o último limite da inocência estava ultrapassado; a infância teimosamente retardada terminava aqui [...] (p.31).	A primeira vez em que o filho é diagnosticado com Síndrome de Down
3e	[...] sempre viveu debaixo de uma autonomia agressiva , beirando a sociopatia [...] (p.213).	Quando o filho se define “artista” e ele o inveja.

Fonte: elaborado pela autora.

Nos trechos 3a, 3b e 3e é possível perceber que os adjetivos utilizados atribuem ao protagonista uma imaturidade negativa diante do nascimento do filho e da descoberta da Síndrome. Contudo, nos fragmentos 3c e 3d, o narrador deixa claro o fato de saber sobre os acontecimentos que afetam a personagem principal e dá indícios ao leitor de que algo ruim está prestes a acontecer ao demonstrar a contradição existente entre a seriedade dos médicos e a alegria do nascimento da criança.

A escolha da narração em terceira pessoa, a capacidade que o narrador possui de fazer afirmações sobre o futuro estabelecendo relação com o passado como se fossem reflexões, a constante atmosfera negativa criada por ele, as semelhanças com a narração em primeira pessoa, enfim, todos os pontos que foram apresentados até então, reforçam a ideia de que narrador e protagonista são o mesmo sujeito, como em um romance autobiográfico:

[...] o eu fixo do romance autobiográfico (da mesma maneira que numa autobiografia autêntica) lembra e reproduz a sua vida passada, lança um olhar retrospectivo sobre as fases passadas de si mesmo. Isso significa, entretanto, que ele revive as fases de seu eu anterior, como diferentes do seu estado presente [...]. Ele vê o eu de sua juventude como um eu diferente do eu atual, que narra, que por sua vez é diferente de um eu posterior [...]
(HAMBURGUER, 2013, p.232).

Nesse caso, o narrador como uma personagem futura ao recontar a própria história, também evolui refletindo sobre suas ações e assim demonstra, através da distância que mantém com a personagem, uma desidentificação com o seu “eu passado”. Porém, para que esta evolução fosse possível, o pai passou por várias mudanças em sua personalidade ao longo do romance, que foram desencadeadas a partir da relação com o filho.

3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROTAGONISTA A PARTIR DA RELAÇÃO COM O FILHO

3.1 MOMENTOS DE TRANSIÇÃO

Ao longo do romance *O filho eterno*, o protagonista passa por três principais momentos de transição na construção da própria identidade, desencadeados: pelo nascimento do filho, pela descoberta da Síndrome de Down e pelo desaparecimento de Felipe. A influência que o menino tem sobre a personagem principal é tão significativa que ele será sempre mencionado pelo narrador como “pai” e nunca por seu próprio nome. Esta falta contribui para um distanciamento entre leitor e personagem, visto que “os nomes próprios têm exatamente a mesma função na vida social: são a expressão verbal da identidade particular de cada indivíduo” (WATT, 2010, p.19). Além disso, o fato do protagonista não ser nomeado sugere que o seu “eu futuro”, não se reconhece no passado.

Por Felipe ser o estímulo que faltava ao pai na busca pela própria identidade, em vários momentos o menino é usado como desculpa para justificar os enganos cometidos. A partir desses momentos, podemos refletir sobre as atitudes da personagem, em relação ao conceito de *estrangeiro* abordado por Kristeva (1994), que corresponde a alguém que está sempre na defensiva, que não consegue pertencer a um lugar e por isso deseja constantemente a solidão para fugir das pessoas e não criar vínculos afetivos.

3.2 O NASCIMENTO DO FILHO

Para o protagonista, o primeiro momento de conflito começa com o nascimento de Felipe, pois é a partir desse breve acontecimento que, com certa resistência, ele passa a refletir sobre a própria vida e questionar o que conquistou até então.

Aos 28 anos não acabou ainda o curso de Letras, que despreza, bebe muito, dá risadas prolongadas e inconvenientes, lê caoticamente e escreve textos que atafulham a gaveta. (...) dá aulas particulares de redação e revisa compenetrado teses e dissertações de mestrado sobre qualquer tema (TEZZA, 2009, p.12).

O filho traz para a personagem principal (antes do diagnóstico da Síndrome) a esperança de um recomeço, uma forma de concretizar todos os sonhos já que, até então, admite não ter conquistado nada de significativo: “tem a vaga sensação de que as coisas vão dar certo, porque são frutos do desejo” (TEZZA, 2009, p.12). A primeira projeção que faz é em relação ao desejo de ser reconhecido como escritor, pois acredita que

é um predestinado à literatura, alguém necessariamente superior, um ser para o qual as regras do jogo são outras. Nada ostensivo: a verdadeira superioridade é discreta, tolerante e sorridente. Ele vive à margem, isso é tudo (TEZZA, 2009, p.10).

Ao perceber-se como alguém que vive à margem, somado ao fato de que “sempre teve alguma ponta de dificuldade para lidar com o afeto” (TEZZA, 2009, p.23), ele faz uma autocrítica à vida que mantinha até então. Porém, a relutância que possui em ver de forma positiva os acontecimentos, permite reconhecer o protagonista como um estrangeiro, que, segundo Kristeva (1994), seria um sentimento de não pertencimento de alguém que, desvinculado de sua origem, mantém-se em uma busca constante para encontrar algo que lhe complete e assim, crie vínculos com outras pessoas.

Deste modo, conforme Kristeva (1994, p.12), “o estrangeiro continua a se sentir ameaçado pelo território de outrora, tragado pela lembrança de uma felicidade ou de um desastre – sempre excessivos”. Destaca-se aqui, novamente, a influência desse “eu futuro” que está narrando, por isso a visão pessimista dos fatos é predominante, visto que a desidentificação começa com o nascimento de Felipe.

Além disso, a dificuldade que o pai tem em permanecer em um único lugar ou próximo a alguém é perceptível em vários momentos da sua vida: desde a

adolescência, nas várias viagens feitas para outros países, na breve participação que teve em um grupo de teatro ou ainda nos atos impulsivos praticados durante a juventude. “Livre de qualquer laço com os seus, o estrangeiro sente-se ‘completamente livre’. O absoluto dessa liberdade, no entanto, chama-se solidão. [...] Este é o seu paradoxo: o estrangeiro quer estar sozinho, porém cercado de cúmplices” (KRISTEVA, 1994, p.19, 20). A contradição da personagem, entre o constante desejo da solidão concomitante com o medo de estar sozinho, é uma das características do pai que aparece, por exemplo, quando ele relembra os projetos de vida que não foram concluídos.

O medo da mesma solidão que ele alimentava todos os dias. A tentativa de se tornar piloto da marinha mercante, a profissão de relojoeiro, o envolvimento no projeto rousseauiano-comunitário de arte popular, a dependência de um guru acima do bem e do mal, a arrogância nietzschiana e autossuficiente com toques fascistas daqueles tempos alegres [...], enfim a derrocada de se entregar ao casamento formal assinando aquela papelada ridícula num evento mais ridículo ainda vestindo um paletó [...], a falta de rumo, uma relutância estúpida em romper com o próprio passado, naufrago dele mesmo [...] (TEZZA, 2009, p. 40 - 41).

Esse desejo está vinculado ao medo da dependência emocional e a troca que as relações pessoais exigem dos envolvidos. O protagonista foge do que é previsível, das ações repetitivas (rotina) e daquilo que o mantém, de certa forma, estático, pois sabe que é assim que se estabelecem vínculos difíceis de romper.

Por um longo período, como será apresentado a seguir, o pai defende a própria liberdade de escolha, seja em relação à esposa, aos estudos ou ao filho. “Eu não estou condenado a nada – eu me recuso a me condenar a alguma coisa, qualquer que seja. Sempre consegui tomar outra direção, quando preciso” (TEZZA, 2009, p.64). Sua noção de liberdade é não depender da família, como se pudesse abandoná-la a qualquer momento, sem que isso o afetasse de alguma forma.

3.3 A DESCOBERTA DA SÍNDROME

Vivenciando o segundo momento de conflito, o protagonista drasticamente se distancia do filho e passa a atribuir-lhe a culpa por todas as suas frustrações, além de enxergar o futuro como algo extremamente negativo. A tabela abaixo apresenta alguns fragmentos do texto que exprimem os sentimentos dele em relação a Felipe antes e depois do diagnóstico da síndrome de Down.

Tabela 4 - Ações e/ou sentimentos do protagonista em relação ao filho.

	Antes da descoberta da Síndrome	Logo após a descoberta da Síndrome
4a	[...] em matéria de novidade, amanhã ele seria tão novo quanto o filho (p.09) / [...] ele também estaria nascendo agora (p.10).	Ele recusava-se a ir adiante na linha do tempo (p. 31).
4b	[...] começa a ser tomado pela euforia do pai nascente (p.13). Seria agora um pai, o que sempre dignifica a biografia. Será um pai excelente, ele tem certeza: fará de seu filho a arena de sua visão de mundo (p.14).	Tudo pode ser recomeçado, mas agora não; tudo pode ser refeito, mas isso não (p.30). Eu só preciso escapar desta asfixia. O filho é a imagem mais próxima da ideia de destino, daquilo de que você não escapa (p.41).
4c	[...] a minha vida não começou ainda (p.15).	Um momento insignificante de alguém insignificante preocupado também com um ser insignificante [...] (p.34).
4d	[...] ele sorriu diante da criança imóvel. / uma criança é uma idéia de uma criança, e a idéia que ele tinha era muito boa (p.19).	[...] vergonha medonha do seu filho. / ele não consegue olhar para o filho. / eu não preciso deste filho (p.32).
4e	[...] fecha-se a porteira do passado, abre-se a do futuro (p.25).	[...] é que não há nem um lugar para essa criança em sua vida (p.44).
4f	Ele está feliz (p.27).	[...] alguma coisa misturada a uma espécie furiosa de ódio (p.31).
4g	Ir para casa de uma vez e reconstruir uma boa rotina (p.28).	[...] projetou um futuro acelerado sobre si mesmo, [...] o envelhecimento e a morte, pronto, acabou [...] (p.34).

Fonte: elaborado pela autora.

É perceptível a mudança drástica na maneira como o pai via o filho neste dois momentos e como sentia-se em relação a paternidade. Nos trechos 4a, 4b e 4c, antes da descoberta da Síndrome, o protagonista faz projeções positivas em relação a própria vida, que mudam de forma negativa, conforme pode ser lido nos excertos correspondentes à coluna do lado direito. A negação, recusa e vergonha substituem a euforia e felicidade que ele sentia antes ao pensar nas transformações que surgiriam na sua vida com o nascimento do menino e dão lugar a um homem que quer fugir, novamente, da situação em que se encontra. Esta tentativa de fuga fica clara com a leitura dos fragmentos 4d, 4e, 4f e 4g, quando o protagonista, após o diagnóstico da

Síndrome, tenta em sua mente projetar um futuro no qual o filho não esteja mais presente em sua vida, o que

É uma forma, ele pensará muitos anos depois, de se antecipar e de se livrar do diagnóstico da autoridade; ele não quer ficar “no seu lugar”, o de um pai obediente, ou, pior, de um aprendiz de pai. Não perderá nunca a sua substância arrogante (TEZZA, 2009, p.68).

A ideia de um filho eternamente dependente é construída a partir do conhecimento que acredita possuir sobre a Síndrome, cujos termos técnicos ele atribui ao menino, como se isso fosse suficiente para conhecê-lo.

Crianças cretinas – no sentido técnico do termo -, crianças que jamais chegarão à metade do quociente de inteligência de alguém normal; que não terão praticamente autonomia nenhuma; que serão incapazes de abstração, esse milagre que nos define; e cuja noção do tempo não irá muito além de um ontem imemorial, milenar, e um amanhã nebuloso. A fala será, para sempre, um balbuciar de palavras avulsas, sentenças curtas truncadas; será incapaz de enunciar uma estrutura na voz passiva [...] (TEZZA, 2009, p.34).

A menção feita à dificuldade para entender o tempo e a fala que nunca se desenvolverá por completo ao ponto de conseguir fazer construções sintáticas adequadas, demonstra a frustração do pai ao acreditar que Felipe nunca apresentará as suas habilidades enquanto relojoeiro e escritor. Com isso, a personagem principal mostra que a ambição de fazer de seu filho “a arena de sua visão de mundo” (TEZZA, 2009, p.14), não será possível, pois a Síndrome e suas características serão uma limitação para a criança.

Com o passar do tempo e o estreitamento da relação com o filho, a tentativa de manter-se afastado torna-se mais difícil e com isso emerge uma postura defensiva, em que o protagonista esconde seus sentimentos a respeito dos supostos defeitos do filho. Seria essa a vivência do ódio correspondente ao que Kristeva explica como algo que faz parte do estrangeiro.

No universo de defensivas ou de falsas aparências que constituem as suas pseudo-relações com os pseudo-outros, o ódio proporciona uma consistência ao estrangeiro. É contra essa parede dolorosa, mas segura - e, nesse sentido, familiar -, que ele se choca na tentativa de se afirmar para os outros e para si mesmo (KRISTEVA, 1994, p.20-21).

Para o protagonista, os outros são o problema e não ele. Se os seus livros não recebem o reconhecimento que ele acredita merecerem, é apenas culpa dos outros que não o compreendem, afinal, ele trabalha arduamente em seus romances para que os outros percebam que ele tem algum talento: “só sou interessante se me transformo em escrita [...]” (TEZZA, 2009, p.194). Mas a dedicação ao trabalho também é uma liberdade, “já que ele não tem nada, já que não é nada, pode sacrificar tudo. E o sacrifício começa pelo trabalho: único bem exportável, sem alfândega” (KRISTEVA, 1994, p.26). De tudo o que pode deixar para trás, seus livros são a única coisa que o acompanharão onde quer que vá, pois carregam o seu nome, não sua história de vida: “e ele escreve de outras coisas, não de seu filho ou de sua vida – em nenhum momento, ao longo de mais de vinte anos, a síndrome de Down entrará no seu texto” (TEZZA, 2009, p.63). Ao não escrever sobre o filho e os sentimentos que nutre por ele, seus leitores nunca o conhecerão verdadeiramente, logo, ele escritor, poderá sempre modificar a própria história aos olhos dos outros.

A dificuldade em lidar com a realidade e aceitar que não pode controlar tudo, parece ter uma relação direta com a sua formação de relojoeiro e a ambição em ser escritor. Enquanto relojoeiro ele se vê como alguém capaz de dominar e concertar o tempo, e como escritor surge a ideia de que as histórias só acontecem a partir daquilo que ele decide escrever.

O mundo não fala. Sou eu que dou a ele a minha palavra; sou eu que digo o que as coisas são. Esse é um poder inigualável – eu posso falsificar tudo e todos, sempre, um Midas Narciso, fazendo de tudo minha imagem, desejo e semelhança (TEZZA, 2009, p. 41).

Muito mais que um Deus que cria, a personagem principal se vê como alguém capaz de modificar tudo e todos de acordo com a própria vontade sem ter a necessidade de justificar nada, visto que é um escritor e enquanto tal, tem o poder de “falsificar”, isto é, manipular sua história conforme lhe for útil. Ao mencionar Midas e Narciso, personagens da mitologia grega, ele expõe seus sentimentos de superioridade e egocentrismo, características que provocam o distanciamento das pessoas com quem convive.

Assim como acontece com seus livros, o pai acredita que tem o poder de escolher e modificar a própria vida. E é por isso que o impasse e a frustração surgem quando ele percebe que a fantasia sobre poder controlar o destino não se aplica à sua

realidade, que seus desejos e ambições estão condicionados a uma série de fatores externos a ele. Como estrangeiro, o pai não aceita sua condição, pois

Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade, ele não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada (KRISTEVA, 1994, p.17).

O choque em consequência da “condição” do filho, os momentos em que refere-se ao futuro como imutável, demonstram o sentimento de incapacidade que ele mesmo externaliza, ao constatar que “o fato de ser homem letrado e esclarecido, povoado de humanismo e civilização, não faz nenhuma diferença – emocionalmente, escritor que escolheu ser, é mais inseguro que o filho (...)” (TEZZA, 2009, p.152). Novamente, com certa resistência, ele faz uma autocrítica a si mesmo, mas sem perder seu orgulho por ser escritor e como tal, superior a tudo.

3.4 O DESAPARECIMENTO DE FELIPE

Vivenciando o terceiro momento de conflito, o protagonista enfrenta o desaparecimento do filho. Certo dia, Felipe, em seu mundo de fantasias, sem que o pai saiba, vai até o pátio da universidade perto de casa para brincar de super-herói. Desesperado, o pai sai em busca do menino e, pela primeira vez percebe que, por preconceito, não consegue encontrar palavras para descrevê-lo além das características comuns à Síndrome de Down. O desaparecimento do filho é fundamental para que o protagonista comece a perceber as qualidades dele acima da condição genética. Esse acontecimento, já próximo ao fim do romance, provoca também uma mudança significativa na relação entre ambos.

Apesar do protagonista tentar ser apenas um observador, como um estrangeiro para si mesmo (KRISTEVA, 1994), a necessidade de pertencer a algum lugar aos poucos acaba prevalecendo. Inicia-se então, com o desaparecimento de Felipe, um novo processo de autoconhecimento: o sentimento da dependência pelo filho.

O sentimento de desespero nunca é súbito, não é um desabamento – é o fim de uma escalada mental que vai queimando todos os cartuchos da razão até, aparentemente, não sobrar nenhum, e então a ideia de solidão deixa de ter o charme confortável de uma ideia e ocupa inteira a nossa alma, em que não caberá mais nada [...] (TEZZA, 2009, p. 161).

Felipe, ao ser encontrado, parece alheio a tudo o que acontece, mas o protagonista demonstra que a dependência sentida no momento do desespero, está ligada também a um sentimento de amor pelo menino. Isso ocorre pois, ainda que ele seja alguém que quer viver sozinho, segundo Kristeva (1994, p.16), “a partir do momento em que os estrangeiros têm uma atitude ou uma paixão, eles fixam raízes. De forma provisória, [...] mas intensamente”. No caso do pai isso acontece com pequenas ações cotidianas com o intuito de ensinar Felipe, mas que também acabam sendo uma forma de demonstrar, timidamente, afeto por ele.

Aos poucos o pai vai percebendo que necessita daquele filho e daquele lugar. Com isso, ele começa a afastar-se (mas nunca totalmente) desse “eu do passado”. É através de Felipe, esse outro antes tão rejeitado (e visto apenas como um escudo para esconder os próprios fracassos), que o protagonista começa a ver-se e a identificar no menino o reflexo das próprias atitudes enquanto pai. O momento mais significativo no qual o protagonista observa que o filho reproduz suas ações, é em um jogo de futebol que os dois assistem juntos:

O menino pensa. Ergue a mão novamente, agora com os três dedos.

- Três a zero, só. Que tal?

- Tudo bem. Mas vai ser duro. Você está preparado?

- Estou! Eu sou forte! – Ele ergue o braço, punho fechado: - Nós vamos conseguir!

- Vamos ver se a gente ganha.

O menino faz que sim, e completa, braço erguido, risada solta:

- Eles vão ver o que é bom pra tosse!

É uma das primeiras metáforas de sua vida, **copiada de seu pai**², e o pai ri também. [...] guerreiros de brincadeira, vão enfim para a frente da televisão – o jogo começa mais uma vez. Nenhum dos dois tem a mínima idéia de como vai acabar, e isso é muito bom (TEZZA, 2009, p.222).

Mesmo que, para a personagem principal, o jogo de futebol seja visto apenas como uma forma de fazer o filho compreender alguns conceitos ainda abstratos, ele é também uma estratégia (ainda inconsciente para ambos) de união. A escolha do narrador por finalizar o romance com a cena de pai e filho se preparando para assistir a um jogo de futebol, é uma metáfora para o nível em que a relação dos dois alcançou, no presente do narrador/personagem. Assim como no jogo, apesar de todas as expectativas e aprendizagens, o futuro deles é incerto, pois cada dia se findará de uma maneira diferente e nenhum dos dois, nem mesmo o pai, conseguirá prever os resultados dessa troca que estão vivendo.

² Destaques no texto feitos pela autora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita, pode-se perceber que as atitudes do pai em relação ao filho são o reflexo da própria desidentificação, isto é, o fato de não aceitar-se e reconhecer-se. Além disso, as suas habilidades como relojoeiro e como escritor corroboram com o sentimento egocêntrico que possui de si. Outra característica predominante ao longo de toda a narrativa é a semelhança de suas atitudes com as de um estrangeiro, conforme postulado por Kristeva (1994), enquanto um sentimento que o impede de se prender definitivamente a algo ou alguém. Mesmo no final, quando o protagonista demonstra certo distanciamento do “eu passado”, ainda permanece nele o fantasma de outrora, as lembranças das atitudes negativas que marcaram o relacionamento com Felipe.

A temática da relação entre pai e filho e os discursos autobiográficos que o romance apresenta são característicos “de um objetivo que o romancista compartilha com o filósofo: a elaboração do que pretende ser um relato autêntico das verdadeiras experiências individuais” (WATT, 2010. p. 29). Com a obra *O filho eterno* (2009), Tezza confirma a contemporaneidade do romance ao tratar de um assunto atemporal, que reflete os conflitos internos pelos quais o ser humano passa na busca por identificação e que podem refletir na relação com os outros.

O distanciamento entre personagem e narrador provocado pela narração em terceira pessoa perde sua força, principalmente, com o relato do jogo de futebol, pois é através dele que se pode perceber que

[...] o presente é, por assim dizer, em princípio e em essência, algo não acabado: ele exige uma continuidade com todo o seu ser. Ele marcha para o futuro e, quanto mais ativa e consciente ele vai adiante, para este futuro, tanto mais sensível e mais notável é o seu caráter de inacabado (BAKHTIN, 2010, p.19).

O título *O filho eterno*, além de corroborar com essa imagem de algo inacabado, também faz menção ao que Felipe se tornou em consequência das atitudes do protagonista: um filho eternamente dependente. Mas a dependência não é resultado da Síndrome como a personagem principal tenta justificar para si mesma, e sim reflexo de um pai que transmitiu para o filho as próprias inseguranças que, aliás, continuam a fazer parte dele. Este sentimento também o torna dependente de Felipe para

continuar seu processo de identificação que, apesar de ter evoluído, ainda não está findado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (Sobre a metodologia do estudo do romance). In: _____. **Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)**. 6. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.
- BARTHES, Roland [et. al.]. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____. **Análise Estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: _____. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. 4a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HAMBURGUER, Käte. **A lógica da criação literária**. Tradução de Margot P. Malnic. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das últimas gerações. In: _____. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- TEZZA, Cristovão. **Biografia**. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/p_biografia.htm> Acesso em: 18/março/2018.
- TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- TODOROV, Tzvetan [et. al.]. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland (org). **Análise Estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.